

A MULHER NEGRA NA ENUNCIÇÃO LITERÁRIA

Jarbas Vargas Nascimento

Resumo: Esse artigo tematiza a escrita da mulher negra na enunciação literária brasileira contemporânea e examina o discurso literário de autoria de Geni Guimarães, considerando a escrita literária feminina, as estratégias linguístico-discursivas de subjetividade enunciativa e a condição da mulher negra, cuja identidade étnico-racial e de gênero foi apagada historicamente. Partimos do pressuposto de que seja possível mobilizar uma interdisciplinaridade entre a Linguística e a Literatura, a fim de ressaltar a identidade enunciativa da mulher negra que, em *A Cor da Ternura*, recortada no discurso *Metamorfose*, provoca um entrecruzamento de vida pessoal com os ressentimentos de uma exclusão étnico-racial de sua condição de negra e mulher e os efeitos estético-artísticos da inscrição de uma imagem autoral no discurso literário. Inserimos nossa investigação no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), nas perspectivas enunciativo-discursivas de Maingueneau (2018), que postula uma Análise do Discurso Literário. Embora Maingueneau não entenda o discurso literário como um rótulo estável, esse entendimento epistemológico permite-nos compreender a enunciação literária como um evento discursivo, que projeta um enunciador feminino, que se posiciona, para escancarar uma realidade social problemática. Os resultados da pesquisa mostram-nos que o lugar de fala, de onde a mulher negra enuncia, ostenta a cor da pele e reflete tensões, que resultam das condições sócio-histórico-culturais brasileiras. Além disso, a análise *Metamorfose*, selecionada como corpus revela um sujeito autoral feminino ligado a um posicionamento identitário no campo da Literatura, para relatar uma experiência intelectual e subjetiva da vida da mulher negra brasileira.

Palavras-chave: Geni Guimarães. Discurso literário. Mulher negra. Autoralidade. Enunciação literária.

Abstract: This article aims to discuss Black Women's writing in contemporary Brazilian literary enunciation and to analyze literary discourse produced by Geni Guimarães, deeming the feminine literary writing, the linguistic-discursive strategies of enunciative subjectivity and the condition of Black Women, whose ethnic-racial identity and

gender has been historically vanished. It is based on the assumption of the possibility of mobilizing interdisciplinarity between Linguistics and Literature, in order to articulate Black Women's enunciative identity that, in *A Cor da Ternura*, taken from *Metamorfose*, induces an interchange of personal life with the grievance of an ethnic-racial exclusion due to the condition of being black and being a woman, and the aesthetic-artistic effects of the inscription of an authorial image on the literary discourse. This investigation is set in the theoretical-methodological panorama of the French Discursive Analysis (FDA), considering the enunciative-discursive perspectives of Maingueneau (2018), who postulates Literary Analysis Discourse. Although Maingueneau does not regard literary discourse as a stable designation, this epistemological undertaking allows us to understand the literary enunciation as a discursive event, which exudes a feminine enunciator, who takes a stand in order to face a social troubled reality. The results of this research show that the place of speech, from where Black Women enunciate, displays their skin color and shows tension, resulting in the social-historic-cultural Brazilian conditions. Furthermore, the *Metamorfose* analysis, selected as corpus, reveals a feminine authorial subject linked to an identity positioning in the field of Literature, to describe an intellectual and subjective experience in the life of Brazilian Black Women.

Keywords: Geni Guimarães. Literary Discourse. Black Women. Authority. Literary enunciation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse artigo tem como tema o estudo da escrita da mulher negra na Literatura brasileira contemporânea e objetiva examinar o discurso literário de autoria de Geni Guimarães, considerando a produção escrita literária feminina, as estratégias linguístico-discursivas de subjetividade enunciativa e a condição da mulher negra, cuja identidade étnico-racial e de gênero foi apagada historicamente.

Nesse ponto, ao referirmos à identidade, trazemos à baila Charaudeau (2006), que identifica, qualifica e assume uma concepção de identidade, advinda da Fenomenologia, ao conceituá-la como fundamento da existência humana. Essa concepção alicerça nossa proposta pois, para o autor, a identidade é aquilo que faz com que o sujeito tome consciência de sua existência no mundo, pela consciência de seu corpo, de seu conhecimento de mundo, do julgamento e das ações que imagina.

Nesta perspectiva proposta por Charaudeau (2006), tal concepção de identidade abre-nos um caminho, que nos mostra a forma como a mulher negra, ao buscar para si uma identidade, prevê o outro por meio de um processo enunciativo-literário, que decorre da história do negro no Brasil. Esse entendimento de Charaudeau justifica nossa escolha de *A Cor da Ternura* de Geni Guimarães, para verificar o modo de percepção estética de construção da identidade social e enunciativa da mulher negra brasileira que, em sua intimidade, desvela a consciência de uma verdade particular de sua vida pessoal, que é a mesma de sua comunidade discursiva, já que nos discursos escritos por Geni Guimarães, há um envolvimento entre a autora e outros negros e negras. E é nesse espaço de construção de uma identidade apagada

pela exclusão, que Geni Guimarães mobiliza a produção de conhecimentos histórico-linguísticos, que fazem ecoar uma voz feminina por meio de processo de discursivização, caracterizado por um posicionamento estético-político, constitutivo da Literatura Negra, um movimento intelectual, estético e existencial. É Lobo quem assevera que

a literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (2007, p. 266)

Levando em conta o campo discursivo da Literatura Negra, entendemos aqui que a escrita de Geni Guimarães, mulher negra, se encaixa no posicionamento desse movimento literário, na medida em que a evidencia e, ao mesmo tempo, denuncia diferentes posições enunciativas, que regulam práticas discursivas impostas historicamente ao negro pelo branco.

Assim, *Metamorfose*, recortada de *A Cor da Ternura*, apreendido aqui como discurso, provoca uma articulação entre um complexo autorretrato da autora Geni Guimarães, os ressentimentos de exclusão por preconceitos de sua condição de negra e mulher e os efeitos estéticos da

inscrição de uma imagem autoral na enunciação literária. Por isso, não há como não assumirmos *Metamorfose* como uma atividade discursiva, pois aponta um enunciador feminino, que produz e responsabiliza-se pelo discurso, gerenciando seus enunciados na enunciação literária. Além disso, acrescentamos que a mulher, Geni Guimarães, nos leva a compreender a especificidade da enunciação literária, o discurso materializado textualmente e a inserção desse discurso em suas condições sócio-históricas e culturais de produção (COSUTTA,1994).

Nesse artigo, na realidade, nossa investigação se pauta pela interdisciplinaridade entre a Linguística e a Literatura como uma alternativa epistemológica, que capta o literário também em sua dimensão linguístico-discursiva. Podemos dizer que o texto de Geni Guimarães revela uma escrita comprometida com um desejo de construção identitária, redimensionada por uma abordagem literária. Nessa perspectiva, cabe-nos confirmar que Geni Guimarães faz parte de um grupo de escritoras negras brasileiras, que produzem textos literários sobre temas condicionados à existência de sujeitos de pele negra, com o intuito de transpor, em nossa sociedade, a situação de apagamento imposta ao negro, particularmente, à mulher negra pelo poder do branco.

Nosso estudo, por conseguinte, particulariza o discurso literário *Metamorfose*, produzido por Geni Guimarães no contexto da Literatura Negra. Esse movimento literário se constitui, a partir do instante em que o negro começa a se conscientizar de sua existência real, dar voz àquilo que enuncia e participar efetivamente de uma comunidade discursiva, cuja finalidade é exteriorizar um modo singular de ver-se a si mesmo, o outro e a sociedade brasileira. A Literatura Negra, nessa direção, se inaugura com a missão de resgatar a memória negra descartada, legitimar uma escrita literária negra, impulsionar a desconstrução de uma sociedade instaurada pelo branco e a criar sua própria cosmogonia (Bernd, 1988).

O discurso literário de Geni Guimarães, de fato, correlaciona a vida particular e a sociedade, a literatura a uma consciência social. Esse movimento literário é, assim, chamado pois, segundo Ianni, “o negro é o tema principal da Literatura negra. Sob muitos enfoques, ele [o negro] é o universo humano, social, cultural e artístico de que nutre essa literatura” (1988, p. 92). Nesse sentido, o fato de a Literatura Negra trazer o negro como seu tema principal, e o próprio negro assumir uma imagem autoral, contando sua própria história, permite-nos integrar os

textos produzidos por autores negros e negras, de modo especial aqui, o texto de Geni Guimarães, no contexto da literatura canônica brasileira.

Embora não seja nosso objeto de estudo, nesse artigo, vale ressaltar que a necessidade de inclusão da Literatura Negra no cânone literário brasileiro se deve ao fato da não perceptibilidade do negro em nosso espaço histórico-cultural, principalmente, pela forma como o branco vê a si mesmo em relação ao negro. A escrita literária movimenta nossas experiências de vida. Na Literatura canônica, embranquecida, o negro não tem voz, quando fala, expressa-se pela voz do branco e ocupando um status de marginalidade. Por isso, mais do que nunca, urge que o discurso literário materialize o negro, sua voz e suas vivências, como faz Geni Guimarães.

Reforça esse nosso argumento a reflexão de Skidmore, quando afirma que “a miscigenação roubou o elemento negro de sua importância numérica, diluindo-o na população branca” (1976, p. 90). Em função desse posicionamento, a Literatura Negra nasce como uma possibilidade de o negro desconstruir o lugar estrutural de fala construído pelo branco.

Para dar conta do que antecede, inserimos nossa investigação no quadro teórico-metodológico da Análise

do Discurso de linha francesa (AD), em especial, nas perspectivas enunciativo-discursivas propostas por Maingueneau (2018), que postula uma Análise do Discurso Literário. Embora Maingueneau não entenda o discurso literário como um rótulo estável, para ele, esse rótulo permite-nos identificar a enunciação literária, no discurso produzido por Geni Guimarães, como um evento discursivo, não ficcional, que projeta uma imagem de um sujeito-autor feminino, que se posiciona, para denunciar uma realidade social em que a branquitude e a masculinidade apagam a possibilidade de a mulher negra definir-se efetivamente como sujeito (Ribeiro, 2017).

A abordagem interdisciplinar constitutiva para o discurso literário escrito e a produção escrita pela mulher Geni Guimarães, no contexto da Literatura Negra, exigem sua inserção na Literatura canônica brasileira. Por esse viés, ao assumirmos uma perspectiva discursiva para o texto literário, consideramos, como consequência, as condições sócio-histórico-culturais de produção de *Metamorfose*, a instância autoral e o código linguageiro específico caracterizador dos eventos estético-literários. O lugar de fala, de onde a mulher negra enuncia, ostenta a cor da pele, reflete tensões, resultantes das condições sócio-histórico-

culturais brasileiras, liga-se a um posicionamento identitário no campo literário, estabelece relações com a comunidade discursiva e repercute como uma forte advertência social.

Como sabemos, a Literatura Negra nasce em um espaço literário de resistência e ressoa para dar visibilidade ao negro por meio da liberdade de expressão manifestada no/pelo corpo e, principalmente, pela voz da mulher. Inserido nesse contexto, a produção de Geni Guimarães demarca um posicionamento identitário e autoafirmativo, pois relata sua própria situação e a do negro, em geral. Ocupando um lugar visível na encenação literária, Geni Guimarães opta pela possibilidade de falar de si, de sua pele negra, fazendo ecoar, por conseguinte, uma voz feminina, visando à autoafirmação por meio de um discurso de identidade.

Além dessa introdução, nosso estudo está organizado em três seções. Na primeira, apresentamos as condições sócio-históricas de produção de *A Cor da Ternura* de Geni Guimarães, onde recortamos *Metamorfose*. Na segunda, discutimos o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso Literário, que fundamenta a análise que propomos. Na terceira e última seção, apresentamos a descrição e a análise de *Metamorfose*, recorte de *A Cor da Ternura* e que selecionamos como corpus para esse artigo.

CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO DO DISCURSO A COR DA TERNURA

Nessa seção, apresentamos a escritora Geni Guimarães e as condições sócio-históricas de produção do discurso *A Cor da Ternura*, de onde recortamos *Metamorfose*, para estudarmos a escrita da mulher negra na enunciação literária brasileira contemporânea. Geni Guimarães é professora, poeta e contista e, junto com outros escritores negros e negras integra a Literatura Negra. Ela nasceu em São Manoel, interior de São Paulo, em 1947 e suas primeiras publicações estão no *Debate Regional* e no *Jornal da Barra*. Lançou-se como poetisa, em 1979, com seu livro *Terceiro filho*. Como militante, sempre participou do movimento, que reuniu trabalhos literários, colaborando para a consolidação da Literatura Negra. Sua vida é marcada de interesses por questões afirmativas de sujeitos negros e negras. Sua dedicação às causas sociais fê-la, outrora, candidatar-se à vereadora mas, sem sucesso. Seu interesse pela política se deve à sua compreensão de que a afirmação étnico-racial e de gênero caracteriza uma *ação* política, pois visa a confrontar o *status quo* de anos de exclusão e marginalidade em que vive a mulher negra, no Brasil.

Em 1981, em *Cadernos Negros*, Geni Guimarães publicou dois contos. Sua produção em prosa e em poesia vai se consolidando como um exercício de sua subjetividade, pois faz referência às suas experiências de vida, haja vista que, por meio da escrita literária, Geni Guimarães faz coincidir, na encenação literária, a mulher, a autora e o enunciador, para demarcar sua identidade. Ao longo dos anos, Geni Guimarães vem se destacando como escritora, merecendo, inclusive, apoio da Fundação Nestlé, que publicou sua obra *Leite do peito*, em 1982, e *A cor da Ternura* (1989), que recebeu o prêmio Jabuti.

Na verdade, é a própria autora quem afirma que escreve, porque quer registrar as condições de vida de uma família negra, para externar suas angústias e seu desejo de identidade. A consciência de si mesma como negra e mulher, textualmente materializada pela autora, faz acentuar sua diferença étnica e de gênero imposta pelo branco e constitui uma prova de identidade (CHARAUDEAU, 2006). Assim, o olhar feminino sobre a discriminação étnico-racial e o apagamento identitário do sujeito negro, leva a autora a reivindicar o apoio da escrita literária, para mostrar resistência como uma atitude essencial da Literatura Negra. Por isso, a escrita de Geni Guimarães soa como um grito de

alerta à imposição do branco e para evidenciar a presença da mulher negra na história e na Literatura.

A produção escrita de Geni Guimarães é autobiográfica de alto valor estético, pois espelha a condição e os sentimentos de negros e negras, que vivem em uma sociedade que não os incluem, não os representam e não lhes legitimam uma identidade. Decorre, portanto, do que antecede, e com base em Villaça (1994), nossa possibilidade de argumentar sobre o empreendimento da Literatura Negra. Esse movimento considera a experiência de vida e procura pela (re)construção da identidade, permitir que a autora Geni Guimarães projete um retrato literário de si como uma possibilidade discursiva de visibilidade da mulher negra, apagada, historicamente, pelo branco.

CONSTRUCTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Com o intuito de explicitar o quadro teórico-metodológico em que inserimos a discussão sobre a mulher negra na enunciação literária contemporânea, julgamos necessário explicitar que a Análise do Discurso de linha francesa (AD) é uma disciplina, cujo objeto é o discurso, apreendido como “intricação de um texto e de um lugar social” (MAINGUENEAU, 2007, p. 19). Nesta perspectiva, seu objeto é aquilo que une a situação de comunicação

à organização textual em um dispositivo de enunciação específico. Justificamos nossa escolha pelo constructo teórico-metodológico da AD, pois nos oportuniza relacionar a organização do texto aos lugares sociais, que facultaram sua emergência e circulação. Queremos dizer, com isso, que se faz necessário estabelecer, no estudo do discurso literário de Geni Guimarães, relações entre o que está materializado textualmente e as condições sócio-históricas, que viabilizaram sua produção estética em função das coerções impostas à autora e ao enunciador.

Celestino, estudando o discurso literário em uma perspectiva discursiva, argumenta:

Refletir sobre o discurso literário na perspectiva da AD é privilegiar a emergência do discurso na produção estético-literária, o que significa uma análise que trafega entre a materialidade do enunciado e a construção de sentido fruto da interação do discurso com o interdiscurso. Interessada pelas condições de comunicação literária, a AD observa o discurso literário e sua inscrição sócio-histórico-cultural como obra significativa em um tempo e em uma cultura específica. (2019, p. 97)

O fato de inscrevermos o discurso de Geni Guimarães no quadro do Discurso Literário exige-nos uma concepção de Discurso Literário, que englobe, necessariamente, o estético

e o social, além de sua circulação em meio à comunidade discursiva que o consome. Maingueneau (2018), ao instituir um espaço para o literário no interior dos estudos do discurso, configura, propositadamente, uma estreita relação entre a AD e a Literatura, fixa as bases de um aparato teórico-metodológico, que toma como ponto de partida o discurso, a fim de projetar uma abordagem discursiva da Literatura. Nesta perspectiva, Maingueneau empreendeu legitimar a Literatura como objeto de uma investigação discursiva fundamentada em uma interdisciplinaridade, indispensável à compreensão do discurso literário, pois que

as condições do dizer permeiam aí o dito, e o dito remete suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado a seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis vinculados com os gêneros, a relação com o destinatário construída através da obra os suportes materiais e os modos de circulação dos enunciados...). (MAINGUENEAU, 2018, p. 43)

Temos, então, com esse postulado uma nova visão e uma ampliação do conceito de Literatura como fato social. A natureza interdisciplinar da AD, contudo, não invalida a propriedade disciplinar da Literatura, mas complementa-a, ampliando as chances de compreensão de eventos discursivo-literários.

É em Benveniste (1986), que buscamos a noção de enunciação, pois por ela podemos apreender as marcas de subjetividade discursivas e a forma como o enunciador se apropria dos recursos discursivos e literários, para explicitar um posicionamento de identitário, no discurso de autoria de Geni Guimarães. Ao enunciar, o enunciador cria situações enunciativas para se dizer e manifestar-se por meio de estratégias linguístico-discursivas e por mecanismos de subjetivação. A complexidade da enunciação literária permite a repercussão da voz autoral no enunciador. Neste sentido, pela enunciação literária, Geni Guimarães cria uma encenação, que valida ela mesma como autora, escritora, enunciador e representante da comunidade discursiva.

Vale ressaltar, ainda, que é, na/pela enunciação, que a autora e o enunciador colocam a língua em funcionamento, instituem-se e engajam-se em um posicionamento, que se materializa textualmente em enunciados. Para tornar claro esse engajamento, é preciso que identifiquemos a forma como os sujeitos se definem por meio daquilo que dizem, pois a apreensão dos efeitos de sentido dos enunciados decorre de marcas que eles deixam na enunciação. Maingueneau (2008), empreendendo mostrar a importância da enunciação, estuda Benveniste e, com base na proposta do

autor, retoma-a, postulando as a cenas de enunciação, para não cair em uma abordagem sociológica dessa categoria, em que enunciador e coenunciador materializassem papéis sociais e não enunciativos.

Além disso, parece-nos necessário salientar que Maingueneau (2015) postula três instâncias enunciativas indissociáveis, que organizam o funcionamento discursivo: a pessoa, ou seja, o sujeito fora da criação literária, o escritor, o sujeito do campo literário e o inscritor, o sujeito que se institui no discurso. Essas três instâncias, segundo Maingueneau, “se cruzam em uma estrutura de nó borromeana paradoxal”. Assim, persona, escritor e inscritor estão de tal forma unidos que a exclusão de um deles, resulta simultaneamente na queda dos outros dois. Desse modo, a mulher/persona Geni Guimarães, o sujeito social, difere da autora Geni Guimarães, marcada pelas demarcações do discurso literário e o inscritor/enunciador é sujeito responsável pela enunciação literária.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE *METAMORFOSE*

Nesta seção, descrevemos e analisamos o *corpus* selecionado, mobilizando os conceitos teóricos apresentados anteriormente, visando a atingir o objetivo a que nos propusemos, isto é, examinar em *Metamorfose* de autoria

de Geni Guimarães, a produção escrita literária feminina, as estratégias linguístico-discursivas de subjetividade enunciativa e a condição da mulher negra, cuja identidade étnico-racial e de gênero foi anulada historicamente. Embora os sujeitos negros tenham contribuído para a formação da cultura e da identidade brasileiras, essa contribuição é negada pelo poder dos brancos. Nesse contexto, *Metamorfose* tematiza a condição da mulher negra, discriminada por atitudes racistas e machistas e reivindica uma existência não opressora para a população negra brasileira.

Como dissemos, acima, nosso objeto de análise é o discurso *Metamorfose*, presente em *A Cor da Ternura*, de autoria de Geni Guimarães que exige a autoafirmação da mulher negra. Por esse discurso, Geni Guimarães avalia o apagamento étnico-racial e de gênero na sociedade brasileira, e projeta uma encenação literária, que espelha o percurso de uma menina excluída socialmente e cuja identidade é negada. Assim, grosso modo, podemos dizer que a produção de Geni Guimarães retrata o papel da mulher negra e suas angústias no seio da família e no espaço social discriminador e reivindica a sua autoafirmação diante das imposições da branquitude.

Justificamos nossa escolha pelo discurso *Metamorfose*, por viabilizar um confronto entre negro e branco permeado por relações de gênero, para revelar a mulher no universo negro. Em *Metamorfose*, a autora recorda as memórias de infância de uma menina negra com dificuldade existencial de interação no espaço escolar, principalmente com a professora, pois se sente não pertencendo àquela comunidade discursiva. Por isso, Geni Guimarães cria uma encenação literária, assume a voz da menina para se representar e revelar sua existência, pleiteando, por conseguinte, uma identidade diferente daquela imposta historicamente pela branquitude.

Na escola, a menina Geni se percebe negra e isolada, reprime a consciência de sua existência negra e tenta revelar-se. No primeiro dia de aula, levou um poema de quatro versos e sentia o desejo de mostrá-lo à professora, mas temia ser rejeitada. Entretanto, quando a professora elogiou sua letra, encorajou-se, apresentou-lhe o poema, esperando dela alguma reação. A professora leu-o sem nada dizer e chamou o diretor, que somente lhe deu os parabéns na hora da saída.

Como era início de maio, a professora pediu aos alunos para escreverem um poema em comemoração à princesa

Isabel, que libertou os escravos. Várias crianças foram escolhidas menos Geni, que insistiu para ler o poema que fizera em homenagem à princesa Isabel, idealizada a redentora dos escravos. Dias após, durante uma aula de história dos negros africanos narrada pela professora, a menina toma consciência da história dos negros e das narrativas desse povo contada diferentemente por sua avó.

Como única aluna negra, seus colegas de classe olham-na com compaixão. Percebe, então, a cor de sua pele, contrastando com a de seus colegas brancos e sente-se envergonhada e inferior, ao inteirar-se da imagem negativa do negro, conforme apresentada pela professora. Terminada a aula, a menina Geni regressou aflita para casa, com a vontade de limpar sua pele negra, quando lembrou que sua mãe utilizava um produto para tirar da panela o carvão grudado no fundo com o intuito de reconstruir-se num processo de identificação com o outro. Não tendo sucesso, percebeu ferimentos na pele e na alma. Essa atitude da menina confunde-se com a proposta de Geni Guimarães na medida em que essa atitude de apagamento da cor da pele responde a uma indignação da marginalização, do racismo estrutural, do silenciamento imposto pelo branco, do apagamento histórico-cultural e do preconceito étnico-racial e de gênero (MACHADO, 2012).

Para proceder à análise, primeiramente observamos o título, cuja presença topicalizada no discurso permite-nos associar seu conteúdo semântico à cena de enunciação construída pelo enunciador ao mesmo tempo em que valida possíveis efeitos de sentido para o discurso. A instituição do título metamorfose interpela o interlocutor a construir uma relação com o discurso e observa atentamente os eventos que ocorrem durante a encenação.

Assim, para nós, o título *Metamorfose*, escolhido por Geni Guimarães, funciona como uma estratégia léxico-discursiva direcionadora do processo de construção de efeitos de sentido, mas também é concebido pela autora, como uma proposta de mudança de uma condição existencial opressiva para outra libertadora. Neste sentido, o título metamorfose se apresenta como ato ilocucionário, ou seja, explicita a ação que Geni Guimarães, a mulher negra e a Geni, enunciador quer realizar, ao prever os enunciados que colocam em funcionamento na enunciação literária. Desse modo, podemos dizer que o título funciona como uma estratégia discursiva, pois por ocupar um lugar privilegiado no texto, orienta o processo de produção de efeitos de sentido, conforme argumenta Guimarães, ao afirmar que ele [o título] “não é mero

recurso artificial, mas é chave de decodificação do texto se convenientemente proposto” (1990).

Na verdade, embora o enunciador organize seu discurso de acordo com o gênero de discurso, utilizando o testemunho da infância da menina Geni e o plano sócio-histórico-cultural, título direciona os efeitos de sentido. Além disso, busca uma interlocução da autora consigo mesma e com o outro, no sentido de transformar uma identidade construída pelo branco em outra resultante de uma consciência negra. Nesta perspectiva, essa estratégia-léxico discursiva e outras que mostraremos em nosso percurso analítico, torna-se espaço de constituição da mulher negra, reivindicando um lugar na sociedade e a (re) construção de sua identidade étnica e de gênero.

Soma-se ao que acabamos de analisar, a necessidade de inserção sócio-histórica de *Metamorfose*, no interior da Literatura Negra e relacionar essa perspectiva como título, para observarmos como ele nos leva a compreender e o alcance da questão étnico-racial na sociedade brasileira e no funcionamento discursivo, onde o instaura e confere autoridade a Geni Guimarães. De fato, a encenação literária prevista pelo título desse discurso aponta para uma série de posicionamentos tensos, que constituirão

posições enunciativas testemunhal da vida da autora, da escritora e do enunciador.

Prosseguindo nossa análise, percebemos, na encenação literária, construída em *Metamorfose*, um descortinar de diferentes referências à cor da pele, fundamentada na simplicidade da luta da menina Geni e do enunciador por uma identidade negra, que contraponha os interesses de uma sociedade erigida pelo poder do branco. Os enunciados abaixo, recortados de *Metamorfose* comprovam essa posição enunciativa da autora e do enunciador. “Levantei a minha [mão], que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas. Não fui escolhida” (p. 57).

A encenação literária é construída, no espaço social da escola, onde seria possível o desenvolvimento intelectual e construção da identidade. Entretanto, na encenação criada pelo enunciador, para rememorar a condição da menina Geni, na escola, ele o associa a posicionamentos relacionados a questões ético-raciais, pois que Geni se mostra a única estudante de pele negra, portanto, não inserida no espaço social e cultural dos colegas. A encenação, ainda, impulsiona o enunciador a suscitar no imaginário de seus interlocutores possíveis acometimentos emocionais, incapacidade de competir com os colegas, (não fui escolhida) que prejudicam

o desenvolvimento da criança em formação. Essa situação corrobora para reforçar que a escola, para a menina negra, deixa de ser um espaço de consciência da existência, de realização de sonhos, registrado pela autora, quando a menina Geni se inscreve para participar da homenagem à princesa Isabel e é-lhe negada a participação. “Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!” (p. 62).

O recorte acima complementa a condição de inferioridade presente na encenação. A construção dos enunciados em primeira pessoa esboça uma imagem conturbada da menina em relação a seus colegas de classe (a classe me olhava com pena e sarcasmo), pois a associavam à história dos negros africanos, conforme relatada na aula pela professora, que falava do lugar do branco. Ao, afirmar ser a única pessoa negra na sala e, por isso, digna de compaixão, a atitude da professora incide sobre a menina, dominando-a. O posicionamento da professora reforça o poder do branco como classe dominante e impede que a menina Geni e outros negros se posicionem nos espaços sociais onde vivem. “Quantas vezes deviam ter rido de mim, depois de minhas tontices, em inventar cantigas de roda...

Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feitos cães” (p. 63).

A partir desses dois recortes, convém lembrar que a aula da professora sobre a história dos negros africanos e da atitude da princesa Isabel em promover a abolição dos escravos não trouxe uma visão positiva da história e da tradição cultural negra. Por isso, a menina Geni imaginava que seus colegas riam dela, pois representava a história de seus antepassados. Nesse sentido, ela não via possibilidade de assumir-se negra, pois *“Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo”*. Esse enunciado expressa, na encenação literária, uma rejeição por sua origem social e nega-lhe o desejo de construir uma identidade racial positiva para si e para a sua comunidade discursiva. Parece-nos que Geni Guimarães quer alertar que um dos papéis da escola tornar positiva a tradição cultural dos negros africanos, a fim de que a criança negra possa (re) construir sua identidade com base em referências negras resistentes *“Negro era tudo mole mesmo. Até meu pai, minha mãe...”* (p. 63).

Como podemos observar nos enunciados acima, a menina Geni nega assumir uma identidade discursiva de testemunha de uma comunidade socioculturalmente inferiorizada. *“Negro era tudo mole mesmo. Até meu pai,*

minha mãe...”. O desconhecimento dos valores histórico-culturais impulsiona a menina a rejeitar os valores culturais, familiares e sociais de sua história que, sempre são apresentados e visibilizados pelo branco e, por circularem em nossa sociedade, tornam-se compartilhados e aceitos por todos. “Esfreguei, esfreguei e vi que, diante de tanta dor, era impossível tirar todo o negro da pele” (p. 65).

Observamos nesse último recorte que selecionamos de *Metamorfose* de autoria de Geni Guimarães que o enunciador coloca na cabeça da menina Geni que assumir uma identidade negra resume-se a atentar exclusivamente à cor da pele; por isso, tenta limpá-la. “Esfreguei, esfreguei e vi que, diante de tanta dor, era impossível tirar todo o negro da pele” Não há como deixar de ser negro, tendo a pele escura. É um estigma, compreendido como marcas que, associadas a um sujeito negro, por exemplo, interferem na construção da identidade. Essas características “são compostas como imaginários socioculturais e, quando acoplados a uma identidade, trarão efeito negativo, justificado por esse imaginário. Podemos supor que, toda identidade que precisa relatar a si mesma, carrega de certo modo, um destes imaginários, um estigma” (CHAVES, 2019, p. 62).

Como podemos observar, os enunciados presentes no funcionamento discursivo de *Metamorfose* expressam a voz das três instâncias, que se movimentam indissociáveis na encenação literária. Por esse mecanismo, a mulher Geni Guimarães, a escritora Geni Guimarães e o inscritor/enunciador (Geni), que se instituem, no discurso, cruzam-se para garantir o anseio de reconstrução de uma identidade apagada. Esse discurso está de tal forma organizado que expressa uma única voz por meio de uma tríade discursiva, que se cruzam na encenação e cuja estratégia remete-nos à organização discursiva em que a persona, a escritora e inscritor tornam-se de tal forma enodados, que é impossível separá-los.

Nas condições sócio-históricas brasileiras, observando particularmente a situação da mulher negra, Geni Guimarães, por meio de uma escrita literária feminina, reflete sobre uma questão étnico-racial problemática e utiliza mecanismos discursivos, que constroem uma encenação literária, que descortina aspectos individuais e coletivos de uma comunidade discursiva marginalizada. Havemos de considerar, ainda que a persona, a escritora e o inscritor, fundamentam a encenação e possibilitam a negociação de efeitos de sentido no/pelo discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho examinou a escrita da mulher negra na enunciação literária brasileira contemporânea, tomando como objeto de análise o discurso literário *Metamorfose*, recortado de *A Cor da Ternura* de autoria de Geni Guimarães, considerando as estratégias linguístico-discursivas, a subjetividade enunciativa e a condição da mulher negra, cuja identidade étnico-racial e de gênero foi apagada historicamente. Mais do que as narrativas de relatos da vida da menina Geni, *Metamorfose*, instaura uma problemática individual e social sobre questões étnico-raciais constitutivas da produção escrita de Geni Guimarães e de outros escritores da Literatura Negra.

Para a elaboração desse artigo, servimo-nos do referencial teórico-metodológico da AD, nas perspectivas de Maingueneau, sobretudo privilegiando sua proposta epistemológica para Discurso Literário, configurada na relação interdisciplinar entre a Linguística e a Literatura. Para isso, Maingueneau fixa as bases de um aparato teórico-metodológico, que toma como ponto de partida o discurso, a fim de projetar uma abordagem discursiva da Literatura. Nesse sentido, selecionamos o título como estratégia linguístico-discursiva, a subjetividade na organização

da encenação, marcada pela coincidência das estâncias persona, escritor e inscridor, que transita, em interação, no funcionamento discursivo.

Essa construção enunciativa, que associa as instâncias social, autoral e enunciativa, assumidas por Geni Guimarães reflete tensões materializadas textualmente na encenação literária, que decorrem do tema do silenciamento da identidade étnico-racial e de gênero imposto pelo branco. De qualquer forma, notamos que o discurso analisado instaura e constrói sua própria emergência, ao mesmo tempo em que, por uma intencionalidade enunciativa, pressupõe uma metamorfose no comportamento social da comunidade discursiva. *Metamorfose* evidencia um percurso enunciativo-discursivo de instauração de uma identidade negra por meio da operacionalização de marcas e mecanismos discursivo-literários que enobrecem a produção escrita da mulher Geni Guimarães.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Leda. Autoras negras brasileiras ainda são pouco publicadas por grandes editoras, seja na literatura ou na não-ficção. *O globo*.

2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/autoras-negras-brasileiras-ainda-sao-pouco-publicadas-por-grandes-editoras-seja-na-literatura-ou-na-nao-ficcao-23911632>. Acesso em: 25 mar. 2020.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas: Pontes p. 81-90, 1989.

BERND, Zilé. *Introdução à Literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick. Identité sociale et identité discursive, le fondement de la compétence communicationnelle. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 339-354, 2º semestre, 2006.

CHAVES, Ramon Silva. *A paratopia do estigma: identidade e relato de si no discurso Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto. 2018. 214 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

COSSUTTA, Frédéric. *Elementos para leitura de textos filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira: consciência em debate*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALGASTAGNÈ, Regina. Um território Contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, 2005.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Minas Gerais, [S.l.], v. 13, n. 25, p. 17-31, dezembro de 2009.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. 12. ed. São Paulo: FTD, 1998.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. In: IANNI, Octavio. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. São Paulo: USP, n. 28. p. 91-99, 1988.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MACHADO, Serafina Ferreira. Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança. *Revista Graphos*. Paraíba, v. 14, n. 2, p. 136-144, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando Discursos Constituintes. *Revista do GELNE*. Natal, v. 2 n. 1, p. 1-12, 2000.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze Conceitos em Análise de Discurso*. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. Escritor e imagem de autor. *Tropelías, Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*. n. 24. 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na Literatura Brasileira*. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*. São Paulo: IEB/USP, n. 50, 2004.
- RIBEIRO, Djamilá. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. *Via Atlântica*. São Paulo, v. 18, 2010.
- SOUZA, Florentina da Silva. Mulheres negras escritoras. *Revista Crioula*. São Paulo, n. 20, p. 19-29, julho/dezembro de 2017.
- SKIDMORE, Thomas Elliot. *Preto no branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- VILLAÇA, Nícia. *Paradoxos do pós-moderno: sujeito e ficção*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

Jarbas Vargas Nascimento

Pós-doutor pela UNESP - Campus Assis. Doutor em Letras (Semiótica e Linguística Geral), pela Universidade de São Paulo – USP. Atualmente, é professor titular do Departamento de Ciências da Linguagem e Filosofia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP e professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Ministra aulas no Doutorado, mestrado e graduação. É líder do Grupo de Pesquisa Memória e Cultura na Língua Portuguesa escrita no Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3171836873464711>
E-mail: jvnf1@yahoo.com.br
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2002-1752>